



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016

IDENTIDADES E MEMÓRIAS NO SERVIÇO SOCIAL:
narrativas de formação da primeira turma na UFRRJ



Nome completo do proponente: Fabrícia Vellasquez Paiva

Natureza do trabalho: Reflexão teórica

Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional (Tema: Formação profissional)

Formação do proponente: Graduação em Letras (UERJ) e em Serviço Social (UFF), Mestre em Educação (UFRJ) e Doutoranda em Educação pela UFRRJ

Instituição: UFRRJ

Telefone: (21) 98716-8060

Email: fabriciavellasquez@yahoo.com.br

Resumo:

O estudo do presente artigo contou com a análise discursiva de textos produzidos por alunos de Serviço Social da UFRRJ, ao longo da primeira disciplina obrigatória "Introdução ao Serviço Social". Adotamos o Curso como um estudo de caso, cujos dados vêm sendo coletados de maneira participante, e nos têm revelado identidades e memórias próprias desse contexto dialógico com a Baixada Fluminense.

Palavras-chave: identidade, memória, formação, linguagem

Abstract:

The study of this article includes the discursive analysis of texts produced by students of Social Work UFRRJ along the first compulsory course "Introduction to Social Work". We adopt the course as a case study, whose data have been collected from participant way, and have revealed the identities and own memories of this dialogical context with the Baixada Fluminense.
Keywords: identity, memory, formation, language

1. INTRODUÇÃO

E a educação é algo pra acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal.

Rubem Alves¹

Se a educação, como anuncia Alves, continua a se constituir como um espaço artesanal, ainda nos cabe, em pesquisas, também dar continuidade à investigação dos processos e dos contextos em que ela se realiza. Acompanhar, pois, a história de um novo Curso de Graduação, desde a sua concepção, é não apenas propiciar a reflexão de como se organiza o artesanato de uma profissão, em suas costuras de currículos e de políticas, mas, sobretudo,

¹ ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000, p. 21.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



compreender a dinâmica das políticas públicas de educação e sua articulação com a memória da própria instituição que realiza o Curso.

Especialmente considerando os espaços formativos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), campus Seropédica, de onde partem minhas inquietações como professora e como pesquisadora, o tema desse artigo pretende evidenciar, como sujeitos de pesquisa, os alunos da primeira turma de Serviço Social, em narrativas textuais orais e escritas, durante seu percurso no primeiro período da Universidade, a saber: o segundo período letivo de 2015. Vale destacar que, ao longo de suas atividades, a UFRRJ vem qualificando trabalhadores e profissionais e executando ações de pesquisa e de extensão ligadas ao meio rural em suas múltiplas dimensões: tecnologias alternativas, educação, desenvolvimento rural e relações sociais. Assim, a formação das identidades narrativas de um Curso novo traduz a união de esforços de áreas de estudo e de experiência na cotidianidade de seus sujeitos-atores.

O curso, cujo projeto se instituiu de maneira colaborativa², destina-se à formação de bacharéis em Serviço Social, futuros assistentes sociais, cuja estrutura está comprometida com a realidade da Baixada Fluminense e da Costa Verde do Rio de Janeiro, que juntas perfazem a área em torno do campus da UFRRJ. É importante destacar que a Universidade tem tradição consolidada no trato de algumas expressões da questão social que marcam o cenário vislumbrado na proposta, especialmente relacionadas aos movimentos sociais do campo, através de projetos de pesquisa e extensão e de cursos de graduação, como o de Economia Doméstica, um dos mais antigos da UFRRJ (fundado na década de 1960), localizado no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), bem como a recém-aprovada, em sua oferta regular, Licenciatura em Educação do Campo, localizada no Instituto de Educação (IE).

2. Memórias e identidades: criações e subjetividades na formação em Serviço Social

² O Projeto Político Pedagógico de Serviço Social da UFRRJ está baseado nas últimas propostas de Curso de Serviço Social aprovados pelo MEC (Serviço Social da UNIRIO, 2009, Serviço Social da UFAL, 2007 e UFVJM, 2007), em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFRRJ (PDI) e das perspectivas para ampliação da atuação na área social do Departamento Teoria de Planejamento e Ensino (DTPE/IE) e do Departamento de Economia Doméstica e Hotelaria (DEDH/ICHS). Não contemplado, pois, pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni – Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007), com prioridade para as licenciaturas, a estrutura desse bacharelado foi sistematizada a partir das discussões mais recentes entre técnicos, professores da categoria em conjunto com professores e professoras do Curso de Economia Doméstica da UFRRJ, dos órgãos de gestão superior da Universidade (Reitoria e Pró-reitoria de Ensino e Graduação) com o apoio do Conselho Regional de Serviço Social (CRESS-RJ/7ª REGIÃO) e da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS).



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



*E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um relatar
passagens de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi,
no levantar do dia. Auroras.*

Guimarães Rosa³

A pesquisa que permitiu o diálogo nesse artigo, ainda de forma incipiente, contou com a análise discursiva de alguns textos, orais e escritos, produzidos pelos alunos ao longo da disciplina obrigatória e de primeiro período “Introdução ao Serviço Social”, a primeira que introduz a discussão restrita do Serviço Social. Para tanto, adotamos o Curso de Serviço Social na UFRRJ como um estudo de caso, cujos dados vêm sendo coletados de maneira participante, com envolvimento da pesquisadora à turma, *também* em docência. O método tem contado com cruzamento de dados pela observação e pela análise documental, a partir das discussões dos estudantes durante as aulas e nos registros do documento “Escritas inscritas”⁴, produzidos ainda no início do semestre letivo.

Concordamos com Guerra (2009, p. 705) quando nos esclarece que “como uma mediação privilegiada entre conhecimento e realidade, a pesquisa resulta um conhecimento sempre provisório, parcial, histórico (relativo a um tempo e espaço sociocultural)”. Logo, não pretendemos esgotar esse tema e nem desconsiderar que sobretudo a realidade de novo curso é ainda mais dinâmica – por suas lutas, por suas demandas, pelas relações sociais que se (re)afirmam naquele contexto.

Nesse sentido, o aporte deste trabalho surge com objetivo de problematizar a possibilidade de que as narrativas orais e escritas, durante o percurso formativo dos graduandos em Serviço Social, podem representar uma marca de identidade formativa própria – porque integrantes de um modo particular de constituição de um Curso de Graduação. Partimos, pois, de um objetivo geral que é o de compreender, para conhecer, a memória desses profissionais ainda em formação, no sentido de poder “ler seus escritos” do que ‘viram e do que foram’ nesse processo, tal como postula Guimarães Rosa.

³ ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. RJ: Nova Fronteira, 1986, p. 538.

⁴ Esse documento, avaliativo, se configura no preenchimento individual de um questionário sobre temáticas da disciplina, cujas perguntas se constituem de forma básica sobre as características e as peculiaridades do Serviço Social.



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



80
ANOS
SERVIÇO
SOCIAL
NO BRASIL

Compreendemos que a análise da trajetória de criação de um novo curso de graduação em uma instituição pública de ensino superior, em um contexto em que a prioridade de novas propostas se articulam com a perspectiva de formação de professores, pelas licenciaturas⁵, é, sobretudo, uma necessidade de estudo da política nacional de educação superior. E especialmente no recorte de uma Universidade Rural – que não apenas se localiza em uma região supostamente ainda com marcas interioranas e afastada do centro, mas, sobretudo, se relaciona com as demandas de um público diferenciado – estudar as subjetividades dessa conjuntura requer um acompanhamento mais pontual e crítico.

Se a prática narrativa pode ser um instrumento de libertação, de práxis educativa no “dizer de si”, em um curso de formação de assistentes sociais, essa perspectiva se torna ainda mais latente em um lócus em que as identidades e as memórias, dos próprios estudantes, parecem (ainda) não encontrar espaços para o diálogo. Suas produções podem ser entendidas como mais um ponto na complexa teia de fios de que a história dos alunos, do Serviço Social, da UFRRJ e da Educação Superior, por fim, vem sendo constituída.

3. Dos fios narrativos à construção da memória formativa em formação

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.

Walter Benjamin⁶

Em diálogo, Benjamin (1993) também nos revela a importância de permitir que o cronista narre os acontecimentos, pois, em assim fazendo, nada do que aconteceu pode ser considerado perdido – e aqui acrescentamos que, inclusive, para as histórias da própria vida. Nesse sentido, valorizando-se o ser sujeito da história e a autoconfiança na capacidade intelectual das pessoas, recorreremos aos conhecimentos da etnografia educacional, como observação reflexiva do contexto educativo, no qual os graduandos trazem e produzem identidade, cultura

⁵ A UFRRJ, com o Reuni, cresceu mais do que o dobro em cursos e em quantidade de docentes e de discentes entre 2008 e 2011. E com a perspectiva, pensada pela Secretaria de Educação Superior/MEC, voltada para atender ao déficit e/ou ao possível desinteresse pela docência de Educação Básica, a Universidade seguiu as diretrizes de mais cursos de Licenciatura comparativamente aos novos de Bacharelado. O Serviço Social, como sendo um bacharelado, destoa desse momento de crescimento da Universidade, pela perspectiva de relativo auxílio pelo Programa de Apoio e Reestruturação da Educação Superior.

⁶ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I, II, III*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 31.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



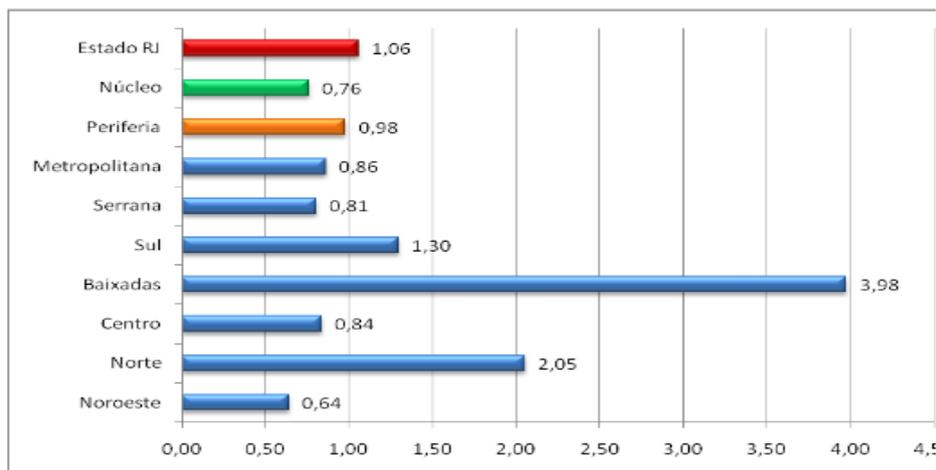
e subjetividade diferentes. São, pois, processos de criação de um curso que também podem (re)criar identidades, formações, reflexões. Como nos diz Backx:

Defende-se aqui uma concepção de educação que tem por finalidade a formação de sujeitos capazes de pensarem por si mesmos a partir do domínio dos bens culturais produzidos socialmente; enfim, de indivíduos que assumam sua condição de sujeito na dinâmica da vida social, sem perder de vista um projeto coletivo de sua transformação (BACKX, 2006, p. 122).

Sobre o campo de pesquisa, acreditamos que alguns apontamentos sobre as subjetividades da UFRRJ precisam ser destacados, justamente para que se tenha uma ideia mais concreta dessa identidade do Curso de Serviço Social, via estudantes, que intencionamos apresentar em memória nesse estudo. A Universidade possui o seu campus principal, Seropédica – onde o curso tem se realizado em sua primeira turma, localizado em uma região bastante peculiar na geografia do Estado do Rio de Janeiro: a aproximadamente 80 km da Capital do Estado, ocupa terras que formaram, no passado colonial, a antiga Fazenda Jesuítica. Atualmente, é a principal possibilidade de oferta de ensino superior público para regiões como a Baixada Fluminense, Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro, Vale do Paraíba, Costa Verde, Sul Fluminense e parte significativa da Região Serrana.

E, ao separarmos a baixada da região metropolitana mais central (gráfico 1), vemos, ainda, como esse crescimento está centralizado nos espaços em que menos recursos públicos vêm sendo investidos. Tal realidade nos faz vislumbrar que temos, por um lado, desigualdades sociais existentes na região em que o Curso será ofertado; de outro, uma também particular dimensão cultural que relaciona a educação superior, o ensino e a condição em que se encontra a UFRRJ na Baixada Fluminense.

I. Gráfico 1 – Taxa de crescimento por regiões (Estado do RJ: 2000 – 2010)



Fonte: Censos Demográficos de 2000 e 2010.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Assim, nesse mesmo sentido, o processo de construção do Curso, na UFRRJ, tem procurado considerar as recentes transformações societárias e educacionais, fomentando debates políticos em torno das orientações históricas e pedagógicas que devem sempre existir no processo de ensino-aprendizagem e na relação dialógica entre os sujeitos. Para tanto, tem contado com a participação de intelectuais envolvidos com a educação democrática (SANTOS, 2000), a partir das vinculações entre o saber acadêmico e o olhar dos graduandos, perpassado pelas histórias de vida e pelas memórias dessa mesma turma – tal como preceitua Freire (1989). Nesse sentido, trazemos ainda ao debate as contribuições de Abreu (2008), quando destaca que:

As transformações político-culturais, sob o ponto de vista das classes subalternas, são entendidas como parte de processos de transformações do conjunto das relações sociais [em que] são apreendidas as possibilidades históricas da construção de um novo princípio educativo tendo presente a referência concreta de experiências pedagógicas integradas às lutas sociais e processos revolucionários (ABREU, 2008, p. 139).

Partindo de pistas linguísticas das produções textuais dos graduandos que já pudemos observar em três meses de Curso⁷ – orais ou escritas, individuais ou coletivas –, percebemos um modo de relação com a UFRRJ muito particular⁸, que também constitui parte do processo de memória da própria Universidade, além da formação de uma identidade específica dos futuros assistentes sociais. Afinal, como nos permite recordar Benjamin (1987, p. 198) “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”⁹.

Aportamos, assim, em dois grandes eixos conceituais. O primeiro, já em apresentação nesse texto, trata sobre a possibilidade de constituição de uma identidade narrativa. O gênero narrativo, como sugerido, nos permite inferir, diretamente, que se trata de uma contação ainda e sempre por vir, uma vez que os fios da história estarão sendo reunidos no momento mesmo

⁷ A primeira turma é toda praticamente composta por estudantes da Baixada Fluminense – o que reforça a demanda urgente pelo Curso na região, formação até então oferecida apenas por poucas Universidades particulares. Vale dizer que foram mais de 1200 inscrições para o Curso, que ofertou, no seu início, em 2015.02, 40 vagas.

⁸ Apesar de muitos estudantes residirem na Baixada Fluminense, área mais próxima à UFRRJ, muitos/as alunos/as, em função da distância e da característica rural e de grande extensão territorial da Universidade, prefeririam o alojamento, ficando, pois, em regime de concentração ao Curso.

⁹ Partimos, aqui, de uma ideia de escrita que simbolicamente é compreendida como discurso, não necessariamente aportado em um papel, com marcas gráficas (CHARTIER, 2012).



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



de sua composição¹⁰. Isso, segundo Bertaux (2010, p. 47), é essencial, pois “o verbo ‘contar’ (fazer relato de) [...] significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma narrativa”, e especialmente porque são textos construídos de sentidos pelos estudantes, com sua própria voz, ainda que em espaços hierárquicos para grupos que chegam. Como nos lembra Chartier:

Se as escritas expostas são um dos instrumentos utilizados pelos poderes e pelas elites para enunciar sua dominação – e conquistar adesão –, são também uma forma de os mais fracos manifestarem suas existências ou afirmarem seus protestos (CHARTIER, 2002, p. 81).

Nesse sentido, o conhecimento histórico – e via histórias – desse grupo de primeiros assistentes sociais em formação *da e pela* UFRRJ pode nos permitir entender o próprio processo por que se formam, com destaque, em nossa proposta, para alguma possibilidade de relação entre a identidade com o curso e a identificação dos alunos com esse projeto formativo. Ricoeur se junta a Benjamin suscitando a necessidade de uma narrativa organizadora da experiência humana (2007), tendo em vista que essa mesma identidade social é composta de narrativas, no plural. Pensamentos que concordam, portanto, com a urgência de um levantamento mais criterioso sobre a compreensão de uma vivência, no nosso caso formativa, que pode ser identificada por narrativas de si, durante um percurso em que pouco se tem espaço para ‘se dizer’. Vemos, assim, que o trabalho com as questões identitárias, tomando como método a análise dos relatos narrativos, pode evidenciar a pluralidade, e, ao mesmo tempo, a fragilidade de nossas identidades, sobretudo durante uma Graduação.

Na disciplina supracitada, o questionário, de quatro perguntas, provocou os estudantes recém-ingressos quanto às questões que geralmente aproximam o conceito de Serviço Social ao senso comum, na contemporaneidade, muito também por uma de suas protoformas vinculadas à caridade (IAMAMOTO; CARVALHO, 2006). As questões foram: 1. De que maneira você conceituaria o ‘Serviço Social’?; 2. Que outros saberes você construiu acerca da profissão?; 3. Em sua opinião, qual a relação entre a assistência social e o Serviço Social?; 4. Há alguma vinculação entre o Serviço Social e a prática da caridade e/ou a religião?

¹⁰ Vale acrescentar que o Projeto Político de Curso do Serviço Social na UFRRJ vem sendo construído progressivamente, como foram de contemplar o debate, a troca e, especialmente, o próprio avanço do Curso ao longo dos períodos letivos. Por não estar concretizado nem mesmo com o início da primeira turma, acaba em sendo, pois, uma forma de democratização efetiva do processo de ensino e de aprendizagem junto ao colegiado e aos alunos.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



Muitos estudantes apresentaram o que Iamamoto (2007) discute como as três armadilhas as quais precisamos romper no processo de formação profissional: o isolamento ou o destaque excessivo ao tecnicismo, ao politicismo e ao tecnicismo. As respostas, em linhas gerais, circularam pela compreensão de que a profissão – e por isso a busca, inclusive, pela formação especializada – era uma “especialização da caridade”, ou um “engajamento mais político em movimentos sociais”. Sobre isso, ainda entendemos como atuais as considerações de que:

[...] no cenário das dificuldades hoje presentes, foram identificadas três armadilhas das quais a categoria se viu prisioneira nos últimos anos – o tecnicismo, o politicismo e o tecnicismo – sobre as quais é preciso refletir, [...] e] necessário elucidar os pressupostos em que se baseou a procura de firmar novos pilares para o exercício profissional e os desvios de rota verificados (IAMAMOTO, 2007, p. 53).

Temos podido perceber que as identidades dessa primeira turma não se diferem muito do que costumamos vivenciar em um grupo de calouros de uma Universidade no que se refere, por vezes, aos motivos que viabilizaram a escolha e a entrada no Curso de Serviço Social. Vale discutir, no entanto, um ponto acima descrito como perigoso, mas que, no caso da UFRRJ, a articulação do tecnicismo ainda se articula de maneira positiva, porque contextualizada e moderada às reflexões locais.

Trata-se de uma necessidade de olhar as teorias já apresentadas até então a partir de um locus específico, como já apresentado, que é o da Baixada Fluminense, além de algumas cidades mais interioranas, também da Região da Costa Verde. O grande desafio, já colocado aos alunos, tem sido pensar como o Serviço Social se encontra – ou pode dialogar – *também* ou *a partir* desse contexto tão peculiar, embora não apenas restrito a esse espaço. E, ainda segundo Iamamoto:

[...] articular a profissão e a realidade é um dos maiores desafios, pois entende-se que o Serviço Social não atua apenas *sobre* a realidade, mas atua *na* realidade. Nesta perspectiva, compreende-se que as análises de conjuntura – com o foco privilegiado na questão social –, não são apenas o *pano de fundo que emolduram o exercício profissional*; ao contrário, são partes constitutivas da configuração do trabalho do Serviço Social, devendo ser apreendidas como tais (IAMAMOTO, 2007, p. 55).

Chegamos, aqui, ao segundo eixo conceitual: as memórias *de* e *em* formação – do Curso, do grupo, dos sujeitos, enfim. Partimos da hipótese de que esses relatos narrativos podem se constituir como territórios simbólicos que dialogam com outros territórios. O trabalho de pesquisa a partir dessas construções, que também são textualidades sobre a formação, se apresenta como uma possibilidade de aproximar continuidade e ruptura, tão importantes aos processos de formação da memória individual e coletiva, que não se alternam, mas se complementam, afetando-se mutuamente. Isso porque, segundo Halbwachs, “nossas



Conselho Regional
de Serviço Social / RJ
www.cressrj.org.br

II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós (HALBWACHS, 2004, p. 30).

Como primeira turma do Curso, os estudantes têm sido convidados à ideia de articulação de identidades possíveis à formação pela UFRRJ, frente às demais Universidades e especialmente considerando as particularidades rurais do contexto de inserção da Escola. Ademais, foram incitados a pensar sobre a composição coletiva de uma memória que não apenas registre os períodos letivos, mas que leve, por isso também, à reflexão da formação e da prática em Serviço Social ainda durante a trajetória inicial. Apesar disso:

Essa visão panorâmica dos problemas que mais se evidenciam nas escolas de Serviço Social, hoje, nos remete a uma questão de fundamental importância. Se pretendemos, realmente, compreender o processo de formação profissional do assistente social no Brasil, contribuindo para a superação de seus impasses, haveremos de estabelecer a sua íntima relação com o processo do *conhecimento*, já que este se refere ao arcabouço, à fonte originária e ao elemento que permeia o processo educativo em todas as suas fases históricas (SÁ, 1995, p. 29).

Assim, os estudantes, durante a disciplina em questão, foram levados a pensar sobre o Projeto Político de Curso, a partir de alguns trechos discutidos em sala, como forma de, se possível, alterar a própria organização das demais disciplinas – em referências, em programas analíticos e/ou em ordem de oferta – tendo em vista a incompletude proposital do documento quando a turma ingressou na Universidade¹¹. Por ser, pois, ainda uma matriz curricular relativamente aberta, os estudantes podem, por fim, também refletir sobre sua formação ainda em fase inicial, alterando algum possível direcionamento até de ordem disciplinar, de maneira reflexiva. Isso, segundo Iamamoto, seria fundamental pois:

Os componentes curriculares são reconhecidos como mecanismos formativos do assistente social. Busca-se ultrapassar assim uma visão tradicional do currículo centrado exclusivamente em disciplinas, valorizando a participação do estudante na dinâmica da vida universitária. São múltiplos, portanto, os recursos para trabalhar os conteúdos temáticos das várias áreas de conhecimento (IAMAMOTO, 2007, p. 73).

O que pudemos vivenciar, com essa prática, foi a proposição dos alunos sobre outras formas possíveis de se graduar, como participação em eventos e em comissões estudantis em proposta futura. Um primeiro movimento que ocorreu – e que merece destaque – foi a articulação dos grupos quanto ao questionamento de algumas linhas de pensamento sobre

¹¹ O grupo de docentes que trabalhou na elaboração da proposta do Curso na UFRRJ compreendeu, como estratégia político-educativa, preparar a confecção dos programas analíticos apenas necessários à aprovação do Curso para funcionamento inicial. Dessa forma, como exigência do MEC, somente as disciplinas do primeiro e do segundo períodos foram fechadas antes do ingresso da turma.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



algumas disciplinas já ministradas, bem como a integração em um grupo de trabalho para criar mecanismos de divulgação em um encontro chamado “Feira de profissões”¹² da UFRRJ. Na ocasião, eles puderam pesquisar e compor documentos, em forma de folderes e de banners para apresentar à comunidade acadêmica e externa as características da profissão.

Outro importante movimento é o processo de avaliação que os alunos são levados a pensar a cada fim de período letivo. Entendido por nós, docentes do Curso, como a culminância de uma etapa, o cronograma do Serviço Social – a partir do calendário geral da UFRRJ – destina um dia para a reflexão, entre alunos e professores, de como foi a vivência naquele semestre. Para tal, a organização prevê uma discussão teórica de um professor convidado – fora do Curso – para debater sobre algum conceito caro à formação e que tenha podido perpassar todas as disciplinas. Em seguida, através de painéis – com fotos, reportagens, colagens, desenhos – os estudantes podem expressar e revisitar o que compreenderam em cada discussão teórica apresentada nas disciplinas.

4. CONCLUSÃO

*Ah! Quem escreverá a história do que
poderia ter sido?*

Fernando Pessoa¹³

O processo de composição das identidades e o de elaboração de memórias, ambos no plural, já nos têm revelado características importantes sobre o novo Curso na UFRRJ, ainda que de forma incipiente. Pudemos vivenciar as múltiplas expectativas de grupos diferentes, mas que se voltam a todos a favor de uma coletividade, assim como uma pró-atividade no processo da estrutura de memória dessa primeira turma, do Curso e da própria Universidade. Queremos entender, em processo, como – e se poderemos ter – a partir dessa criação, um olhar diferente sobre uma formação mais articulada com a co-participação efetiva dos alunos sobre sua matriz curricular, bem como um diálogo ainda mais estreito com a questão rural, com os trabalhadores do campo.

A pesquisa, por fim, não pretende esgotar a possibilidade de se ter, a partir de uma turma, um estudo de caso possivelmente representativo de uma realidade maior: a de criação subjetiva

¹² O evento, organizado pela Pró-reitoria de Graduação da UFRRJ teve como objetivo a apresentação das áreas profissionais à comunidade interna e externa da Universidade, como forma de viabilizar o conhecimento sobre as profissões e seus campos possíveis de atuação.

¹³ PESSOA, Fernando. *Ficções de interlúdio*. São Paulo: Cia da Letras, 1998, p. 15.



II Congresso de Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro

11 a 13 de maio de 2016



e em espaços igualmente subjetivos de um novo curso de bacharelado frente às novas imposições para a ampliação do ensino superior público. Logo, longe de ser uma pesquisa que se volta para suas próprias questões, a ideia é a de justamente promover o efeito contrário, qual seja: o de viabilizar uma reflexão mais pontual – ou profunda, porque acompanhada durante o tempo de duração do Curso – das dificuldades, das conquistas e das estratégias para a continuidade sadia e reflexiva de uma nova Graduação, visando à composição de um inventário de memória de formação na UFRRJ.

Referências

ABREU, Marina Maciel. *Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional*. São Paulo: Cortez, 2008.

BACKX, Sheila. O serviço social na educação. In: REZENDE, Ilma; CAVALCANTI, Ludmila Fontenele (Orgs). *Serviço Social e Políticas Sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. São Paulo: Paulus, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma Análise Semiolinguística do Texto e do Discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). *Da língua ao discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 19ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GUERRA, Yolanda. *A dimensão investigativa no exercício profissional*. IN: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

IAMAMOTO, Marilda. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez; CELATS, 2006.

IBGE, *Primeiros resultados do Censo 2010: Rio de Janeiro*, Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_rio_de_janeiro.pdf>, Acesso em: 11 out. 2015.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SÁ, Jeanete Liasch Martins de. *Conhecimento e currículo em Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência - para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. Volume I. São Paulo: Cortez. 2000.